



EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA INTERVENÇÃO LÚDICO-EDUCATIVA REALIZADA EM UMA ESCOLA DO NORTE BAHIANO

Amanda Maria e Silva Coelho ¹, Maria Eduarda Caldas Santos Bernardo Novaes ¹, Eliane Cordeiro Alves ¹, Ayres Rocha de Carvalho ¹, Natham Oliveira Costa¹, Fabíola Santos Oliveira Pacheco ¹, Taglianna Renata da Silva Sa Freire¹, Maria Clara de Souza Torres ¹, Caio Leonardo da Costa Nascimento ¹, Kassio Viana Pereira ¹, José Carlos Ribeiro Filho ², Rafaella Sindy Barbosa da Silva ³



<https://doi.org/10.36557/2674-8169.2025v7n4p1498-1508>

Artigo recebido em 20 de Março e publicado em 30 de Abril de 2025

RELATO DE EXPERIÊNCIA

RESUMO

A adolescência é uma fase de intensas transformações físicas, emocionais e sociais, que tornam os jovens mais vulneráveis e suscetíveis a comportamentos de risco. Nesse contexto, a educação sexual se destaca como uma ferramenta fundamental para promover escolhas conscientes, prevenir infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e reduzir a gravidez na adolescência. A Educação Sexual Abrangente (ESA), que considera aspectos biológicos, emocionais, sociais e éticos da sexualidade, é respaldada por evidências científicas e por diretrizes internacionais como as da UNESCO. Este trabalho utiliza o relato de experiência como abordagem metodológica, valorizando o conhecimento produzido na prática extensionista. A intervenção foi desenvolvida por estudantes de medicina em uma escola pública, com alunos do 2º ano do ensino médio, e teve como objetivo promover educação em saúde sexual de forma lúdica, participativa e acessível. A metodologia incluiu exposição dialogada, jogo de tabuleiro humano, dinâmica de verdadeiro ou falso e espaço para perguntas anônimas. Essas estratégias buscaram estimular o pensamento crítico, a interação e o acolhimento das dúvidas dos adolescentes. Durante a ação, os alunos demonstraram grande interesse e engajamento, revelando lacunas no conhecimento, mas também disposição para aprender. A linguagem simples, o respeito à diversidade e a escuta ativa foram essenciais para criar um ambiente seguro e de confiança. Para os discentes de medicina, a experiência possibilitou o desenvolvimento de habilidades comunicacionais, empatia, trabalho em equipe e senso de responsabilidade social. Conclui-se que ações educativas como essa são eficazes e necessárias para o enfrentamento das desigualdades no acesso à informação em saúde. Além disso, reafirmam o papel transformador da extensão universitária na formação médica, contribuindo para uma prática mais ética, crítica e humanizada, alinhada às necessidades reais da população.

Palavras-chave: Adolescência, Educação Sexual, Promoção da saúde.



SEXUAL EDUCATION AT SCHOOL: EXPERIENCE REPORT OF A PLAYFUL-EDUCATIONAL INTERVENTION CARRIED OUT IN A SCHOOL IN NORTHERN BAHIA

ABSTRACT

Adolescence is a phase of intense physical, emotional, and social transformations that make young people more vulnerable and susceptible to risky behavior. In this context, sexual education stands out as a fundamental tool to promote conscious choices, prevent sexually transmitted infections (STIs), and reduce teenage pregnancy. Comprehensive Sexual Education (CSE), which considers biological, emotional, social, and ethical aspects of sexuality, is supported by scientific evidence and international guidelines such as those of UNESCO. This work uses experience reporting as a methodological approach, valuing the knowledge produced in extension practice. The intervention was developed by medical students at a public school, with second-year high school students, and aimed to promote sexual health education in a playful, participatory, and accessible way. The methodology included dialogued exposition, a human board game, true or false dynamics, and space for anonymous questions. These strategies sought to stimulate critical thinking, interaction, and acceptance of adolescents' doubts. During the event, students demonstrated great interest and engagement, revealing gaps in their knowledge, but also a willingness to learn. Simple language, respect for diversity, and active listening were essential to create a safe and trusting environment. For medical students, the experience enabled them to develop communication skills, empathy, teamwork, and a sense of social responsibility. It is concluded that educational actions like this are effective and necessary to address inequalities in access to health information. In addition, they reaffirm the transformative role of university extension in medical training, contributing to a more ethical, critical, and humanized practice, aligned with the real needs of the population.

Keywords: Adolescence, Sexual Education, Health Promotion.

Instituição afiliada – 1- Estudantes de Medicina pela Faculdade Estácio/IDOMED Juazeiro, Bahia, Brasil.

2- Médico pela Univasf, Petrolina/PE, Brasil.

3- Médica pela Faculdade Estácio de medicina FMJ

Autor correspondente: Amanda Maria e Silva Coelho amandmaria65@gmail.com

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).





INTRODUÇÃO

A adolescência é uma fase de transição marcada por intensas transformações físicas, emocionais e sociais, o que torna os indivíduos dessa faixa etária mais vulneráveis. Nesse período, ocorrem o despertar do prazer e o aumento do convívio com outros jovens, fatores que contribuem para a curiosidade em torno do corpo e da sexualidade. Por isso, essa etapa exige atenção de diferentes esferas sociais, como família, escola e profissionais de saúde, uma vez que pode impactar diretamente no desenvolvimento futuro dos adolescentes (Bertolini, 2015; Silva *et al.*, 2021).

Diante desse cenário, a educação sexual surge como ferramenta essencial para apoiar os adolescentes na construção de conhecimentos e atitudes que favoreçam escolhas conscientes sobre relacionamentos e atividade sexual. Diversos estudos demonstram que programas bem estruturados são capazes de reduzir taxas de comportamento de risco, infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e gravidez na adolescência (Breuner; Mattson, 2016).

Contudo, um dos maiores obstáculos enfrentados na implementação dessas ações é a falta de educadores capacitados e de materiais didáticos adequados, o que compromete a eficácia das intervenções. Quando bem planejadas e conduzidas por profissionais preparados, as atividades educativas tendem a ampliar significativamente o nível de conhecimento dos jovens, ao mesmo tempo em que influenciam positivamente suas atitudes e práticas relacionadas à sexualidade (Salgado, 2022; Hu *et al.*, 2023).

Nesse sentido, destaca-se a importância da Educação Sexual Abrangente (ESA), abordagem que transcende a mera transmissão de informações biológicas, incorporando também aspectos emocionais, sociais, culturais e éticos da sexualidade. A ESA, fundamentada em evidências científicas, contribui para a formação integral do adolescente, promovendo saúde, prevenção de ISTs, redução de gestações não planejadas e combate à violência sexual (Dixon-Mueller, 2009).

Além disso, documentos internacionais, como o guia técnico da UNESCO, reforçam que programas de ESA devem ser cientificamente precisos, adequados à idade e culturalmente sensíveis. Essas diretrizes recomendam que a educação sexual promova o respeito mútuo, a igualdade de gênero e os direitos humanos, ao mesmo tempo em



que estimula o pensamento crítico e a tomada de decisões responsáveis. Para alcançar esses objetivos, é fundamental o envolvimento conjunto de escolas, famílias, serviços de saúde e comunidade (UNESCO, 2018).

Complementarmente, torna-se imprescindível destacar o papel da educação interprofissional na formação dos futuros profissionais de saúde, especialmente aqueles que atuarão com o público adolescente. Ao integrar saberes e práticas de diferentes áreas, essa abordagem favorece o desenvolvimento de competências colaborativas e comunicacionais, refletindo-se na oferta de um cuidado mais humanizado e eficaz em saúde sexual e reprodutiva (Hughes *et al.*, 2019).

METODOLOGIA

Para a construção deste trabalho, optou-se pelo uso do relato de experiência como abordagem metodológica, por se tratar de uma forma legítima de sistematização de práticas vivenciadas no campo da extensão universitária. O relato de experiência permite compreender fenômenos a partir da vivência dos sujeitos envolvidos, favorecendo a reflexão crítica sobre os contextos e os sentidos atribuídos às ações realizadas. Trata-se de uma metodologia que valoriza o conhecimento produzido na prática e que amplia a compreensão de processos educativos, especialmente em áreas como saúde, educação e assistência social (Dalmo, Farias, 2019).

Ainda segundo os autores, esse tipo de abordagem não apenas compartilha uma prática, mas possibilita a análise dos impactos, limites e potenciais da experiência, contribuindo para a consolidação do fazer profissional comprometido com a realidade social. Ao relatar uma ação de educação sexual desenvolvida por estudantes de medicina com adolescentes da rede pública de ensino, busca-se não apenas registrar uma atividade pontual, mas também refletir sobre sua relevância no enfrentamento de desigualdades no acesso à informação em saúde, sobretudo na adolescência.

A presente atividade foi realizada como parte das ações extensionistas desenvolvidas por discentes do curso de Medicina, com o objetivo de promover educação em saúde junto a adolescentes do ensino médio. A intervenção foi planejada por um grupo de estudantes, sob supervisão docente, e aplicada em uma escola pública estadual, em uma turma do 2º ano do ensino médio, composta por aproximadamente



35 alunos com faixa etária entre 15 e 17 anos.

Optou-se por uma abordagem metodológica qualitativa e descritiva, de caráter interventivo, pautada em princípios da educação popular em saúde, com foco na construção coletiva do conhecimento. O planejamento incluiu levantamento prévio de temas relevantes para a faixa etária, elaboração de material didático e definição de metodologias ativas e lúdicas para facilitar a aprendizagem e promover o engajamento dos participantes.

A intervenção teve duração aproximada de duas horas e foi estruturada em quatro momentos principais: (1) exposição dialogada com o uso de slides informativos; (2) aplicação de um jogo de tabuleiro humano; (3) dinâmica de verdadeiro ou falso; e (4) espaço para perguntas anônimas com respostas em grupo. Todos os materiais utilizados foram produzidos pelos estudantes universitários, baseando-se em fontes confiáveis, como o Ministério da Saúde e a Organização Mundial da Saúde (OMS).

Durante a execução da ação, os alunos foram incentivados a participar ativamente, expressando opiniões, dúvidas e experiências. Ao final da atividade, foi realizada uma roda de conversa para avaliação informal da intervenção, permitindo captar percepções e sentimentos dos adolescentes em relação à experiência vivenciada.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

A ação de educação em saúde desenvolvida por discentes do curso de Medicina teve como público-alvo uma turma do 2º ano do ensino médio de uma escola pública localizada em área urbana. A temática escolhida foi a educação sexual, a partir do reconhecimento da importância de discutir sexualidade com adolescentes de forma segura, acolhedora e baseada em evidências científicas, considerando que essa fase da vida é marcada por intensas transformações físicas, emocionais e sociais.

Durante o processo de planejamento da intervenção, os estudantes de medicina observaram a necessidade de romper com abordagens tradicionais e meramente expositivas, buscando estratégias que facilitassem o envolvimento dos alunos e a construção coletiva do conhecimento. Assim, optou-se por uma metodologia participativa, dinâmica e adaptada ao nível de conhecimento e à realidade dos adolescentes, prezando pelo respeito à diversidade e à escuta ativa.



A atividade foi estruturada em quatro momentos principais: exposição dialogada com slides, jogos educativos, dinâmica de verdadeiro ou falso e um espaço final para perguntas anônimas. Cada etapa teve objetivos pedagógicos específicos e foi pensada para garantir fluidez, interação e acolhimento.

O primeiro momento consistiu em uma apresentação expositiva com auxílio de slides coloridos, ilustrativos e objetivos. Foram abordados conteúdos como anatomia e fisiologia dos sistemas reprodutores feminino e masculino, principais métodos contraceptivos (preservativos, anticoncepcionais orais, injetáveis, entre outros), prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), incluindo HIV, sífilis, HPV e clamídia, além de discussões sobre consentimento, respeito nas relações afetivo-sexuais, diversidade sexual, identidade de gênero e direitos sexuais e reprodutivos.

A linguagem utilizada foi simples, acessível e livre de termos técnicos excessivos, prezando por exemplos do cotidiano dos próprios adolescentes e abrindo espaço para comentários e dúvidas ao longo da apresentação. Essa estratégia é respaldada por estudos que destacam a eficácia de abordagens educativas baseadas em evidências para melhorar o conhecimento e as atitudes dos adolescentes em relação à sexualidade (SAFAIR, BITTAR, LOPES, 2015).

Em seguida, foi aplicada uma estratégia lúdica por meio do “tabuleiro humano”. A atividade consistia em um jogo no qual os próprios alunos representavam as peças do tabuleiro desenhado no chão com fita adesiva colorida. As equipes avançavam ou retrocediam conforme respondiam corretamente às perguntas relacionadas aos temas apresentados. Essa abordagem teve como finalidade promover o reforço do conteúdo de forma leve, colaborativa e divertida. A competitividade saudável entre os grupos gerou grande envolvimento da turma, e o formato corporal da atividade (em que os próprios alunos se movimentavam no espaço) contribuiu para a descontração e para a fixação dos conteúdos. Atividades lúdicas são reconhecidas por facilitar a aprendizagem e promover maior engajamento dos estudantes (MARTINS E SOUZA, 2024).

No terceiro momento, foi realizada a dinâmica “Verdadeiro ou Falso?”, composta por uma série de afirmações provocativas sobre sexualidade, como: “A camisinha é eficaz contra todas as ISTs”, “A primeira relação sexual não pode engravidar”, “Meninos não precisam ir ao ginecologista”. Os estudantes, organizados



em círculo, respondiam oralmente e justificavam suas escolhas, o que permitiu a desconstrução de mitos e a correção de conceitos equivocados. A cada resposta, os discentes de medicina ofereciam explicações contextualizadas e baseadas em evidências, incentivando a escuta e o respeito às diferentes opiniões. A atividade revelou um cenário de desinformação entre os adolescentes e, ao mesmo tempo, um forte interesse em aprender, o que reforçou a relevância da ação. A desconstrução de mitos é fundamental para o desenvolvimento de comportamentos sexuais saudáveis (World Health Organization, 2010).

O quarto e último momento da intervenção foi voltado ao acolhimento de dúvidas de forma anônima. Os estudantes receberam papéis em branco e foram incentivados a escrever perguntas, inquietações ou curiosidades sobre o tema. As questões foram recolhidas e lidas pelos mediadores, que responderam com atenção, responsabilidade e empatia. As perguntas abordaram temas como métodos contraceptivos, masturbação, orientação sexual, medos relacionados à primeira vez e até situações de violência no contexto dos relacionamentos. A estratégia garantiu privacidade aos alunos e permitiu a expressão de conteúdos sensíveis que, provavelmente, não seriam compartilhados em voz alta.

Durante todo o processo, os discentes universitários atuaram com postura ética, linguagem acolhedora e escuta qualificada. O cuidado em não expor ou julgar os alunos foi essencial para o sucesso da atividade. Ao final da intervenção, os participantes da escola manifestaram satisfação, relataram ter aprendido de forma leve e interessante, e pediram a continuidade de ações semelhantes.

Para os acadêmicos de medicina, a experiência foi profundamente formativa. Além de permitirem a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos ao longo da graduação, as atividades possibilitaram o desenvolvimento de habilidades comunicacionais, trabalho em equipe, gestão de grupo, criatividade pedagógica e empatia. A ação também promoveu reflexões importantes sobre o papel da universidade pública na promoção da saúde, no enfrentamento das desigualdades e na construção de pontes entre o saber científico e a realidade das comunidades.

Por fim, a intervenção revelou que a educação sexual, quando conduzida com seriedade, sensibilidade e abordagem adequada à faixa etária, pode ser uma poderosa



ferramenta de transformação social e de promoção do autocuidado, da autoestima e da cidadania entre adolescentes. O êxito da atividade reforça a importância da inserção de práticas extensionistas na formação médica, aproximando os futuros profissionais da realidade de vida de diferentes populações e fortalecendo o compromisso com uma atuação ética, crítica e humanizada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intervenção educativa realizada demonstrou ser uma estratégia eficaz para abordar a temática da educação sexual de forma lúdica, acessível e acolhedora entre adolescentes do ensino médio. O uso de dinâmicas e jogos favoreceu a construção de um ambiente descontraído e participativo, possibilitando que os alunos expressassem suas dúvidas e conhecimentos de maneira espontânea e segura.

A escuta ativa, o respeito às diversidades e a linguagem apropriada foram elementos fundamentais para o sucesso da atividade, que contribuiu não apenas para o esclarecimento de conceitos, mas também para a valorização do diálogo e da autonomia dos adolescentes em relação à sua saúde sexual e reprodutiva.

Para os estudantes de medicina envolvidos, a experiência proporcionou um momento valioso de aprendizado prático, exercitando habilidades de comunicação, empatia, responsabilidade social e compromisso com a promoção da saúde. A ação reafirma a importância da extensão universitária como ferramenta de transformação social e como eixo formador na construção de uma prática médica mais crítica, humana e integrada às necessidades da comunidade.

REFERÊNCIAS

1. BERTOLINI, D. Sexualidade e adolescência: rodas de conversa e vivências em uma escola de ensino fundamental. Mestrado. Universidade Estadual Paulista –UNESP, Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual, São Paulo, 2015. Dissertação.



2. BREUNER, C.; MATTSON, G. COMMITTEE ON ADOLESCENCE; COMMITTEE ON PSYCHOSOCIAL ASPECTS OF CHILD AND FAMILY HEALTH. Sexuality Education for Children and Adolescents. **Pediatrics**, v. 138, n.2, 2016.
3. DALTRO, M. R.; FARIA, A. A. Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 19, n.1, p. 223-237, 2019.
4. DIXON-MUELLER, R. International technical guidance on sexuality education: an evidence-informed approach for schools, teachers and health educators. Vol. I, Vol. II. 2009.
5. HU, Z et al. Effects of Sexuality Education on Sexual Knowledge, Sexual Attitudes, and Sexual Behaviors of Youths in China: A Cluster-Randomized Controlled Trial. **J Adolesc Health**, v. 72, n.4, p. 607-615, 2023.
6. HUGHES, J. et al. Interprofessional Education Among Occupational Therapy Programs: Faculty Perceptions of Challenges and Opportunities. **Am J Occup Ther**, v. 73, n. 1, 2019.
7. MARTINS, A.; SOUZA, C. Jogos educativos e a aprendizagem significativa na educação básica: uma proposta metodológica interdisciplinar. **Revista Humanidade e Tecnologia**, v. 8, n. 1, p. 92–106, 2023.
8. SFAIR, S; BITTAR, M.; LOPES, R. Educação sexual para adolescentes e jovens: mapeando proposições oficiais. **Saúde e Sociedade**, v. 24, n. 2, p. 620–632, 2015.
9. SALGADO, E. Complex Primary Care Interventions Focused on Reducing Adolescent Risk Behavior. **Journal of Adolescent Health**, v.70, 2022.
10. SHAH, R.; POKHREL, A. Promoting Healthy Sexual Behaviours through Comprehensive Sexuality Education. **JNMA J Nepal Med Assoc**, v. 61, n. 260, p. 397-399, 2023.
11. SILVA, N. C.; ROSÁRIO, T.A.; SILVA, G. S. Relato de Experiência sobre Ações de Educação em Saúde Sexual para Adolescentes em Escolas Públicas do Interior de Minas Gerais. **Revista Científica de Extensão**, v. 7, n. 2, p. 55-66, 2021.
12. UNESCO. Women UN, UNICEF. International technical guidance on sexuality education: an evidence-informed approach. UNESCO Publishing; 2018. Jan 15, <https://www.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/ITGSE.pdf>
13. WORLD HEALTH ORGANIZATION – Federal Centre for Health Education. Standards for sexuality education in Europe: A framework for policy makers, educational and health authorities and specialists. Cologne: WHO Regional Office for Europe, 2010. Disponível em: <https://www.icmec.org/wp-content/uploads/2016/06/WHOStandards-for-Sexuality-Education-in-Europe.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2025.